

# MTI . MÓDULO QUALITATIVO

Anselm Strauss. 1993. **Assumptions of a theory of action.** In Strauss, A., *Continual Permutations of Action*, pp. 19-46.

## **Contexto**

Sociologia americana do séc. XX; estrutural-funcionalismo (Parsons) vs. interaccionismo simbólico (Mead).

## **Objectivo**

Explorar uma teoria da ação de acordo com a tradição interaccionista e pragmatista.

Uma teoria interaccionista da ação evita idealismos e dualismos e reconhece a realidade vivida (complexa e subjectiva).

Dentro da teoria da ação teremos de trabalhar com um conceito de ação que engloba a **ação** (agir), a **interação** (que pode ser unilateral...) e a **reflexividade** (quando a ação é dirigida a si mesmo...).

**1. O corpo é condição necessária para a ação.**

O corpo é um *meio para a interação*, mas a ação pode estar localizada na mente - uma bailarina envelhecida dança “através” dos seus bailarinos... Devemos abolir, portanto, a dualidade corpo/mente.

**2. A ação está integrada numa interação. Tem significado e pertence a um sistema de significados.**

A ação não é apenas entre duas pessoas, mas refere-se a um contexto “densamente populado” por símbolos e por outras pessoas.

**3. As pessoas desenvolvem um *self* que está presente em todas as suas ações, de formas variadas.**

O *self* pode ser tornado objecto - de admiração, de escárnio, de auto-crítica, de dúvida... Há uma auto-consciência que parece abarcar tudo, mas o *self* também atravessa os seus próprios processos... E a ação do *self* contempla também o *self* dos outros.

**4. Os símbolos (sistemas simbólicos) são aspectos da interação.**  
Recorrer a símbolos, criar novos símbolos, recriar símbolos... faz parte da interação.

**5. A separação mundo externo/mundo interno não existe, é criada e recriada através da interação.**

O indivíduo não vê a realidade “cara-a-cara”. Ao invés de lidar com as próprias coisas, o indivíduo lida consigo próprio. A realidade é construída. E os significados dessa realidade são construídos colectivamente (ex. revolução...). Se tudo é construído, isso não significa que se adopte uma posição pósmodernista - podemos adoptar uma posição de “relativismo objectivo”, que aceita múltiplas perspectivas e que as explora, provisionalmente.

## **6. As ações são precedidas, acompanhadas ou sucedidas por interações reflexivas.**

A nossa experiência da ação é uma de processo - avaliamos a nossa ação, adaptamo-la, alteramo-la. Actos passados podem ser vistos a uma nova luz. Actos colectivos são revividos e reavaliados à medida que se avança (reconstrução da história). O futuro é construído a partir das reflexões de hoje.

## **7. A ação pode ser irracional, ou entendida por outros como irracional.**

Existem ações impulsivas, espontâneas, até descontroladas. Por outro lado, a racionalidade é reflexiva. Apesar disso, há uma zona cinzenta - a racionalidade pode ser tomada como irracional quando se discutem, por exemplo, os motivos por trás de uma determinada ação, no sentido de determinar se ela é ou não racional.

## **8. A ação tem aspectos emocionais.**

Tal como não há ação sem simbolizar, não há ação sem emoção. O comportamento de rotina será aquele com menor peso emocional - mas na maior parte das nossas ações, a dimensão emocional não pode ser completamente separada do sistema simbólico e do processo de reflexividade envolvido.

**9. A ação tem temporalidade - ela pertence a um “curso de ação”.**  
A interpretação da janela temporal de um curso de ação pode variar de pessoa para pessoa, ou pode alterar-se à medida que a ação prossegue. As ações de longa duração - programas, projectos - estão cheias de contingências, mudanças, etc.

10. **Cursos de ação podem ser pensados de acordo com sequências, estádios, fases.**

Esta ideia implica um “movimento para a frente”, teleológico. Mas podemos recusar a ideia de que se anda para a frente e classificar um curso de ação de outras formas - como um “movimento para trás”, por exemplo na cura de uma doença, ou quando corrigimos ações passadas...

## 11. Análises baseadas em meios-fins não são apropriadas para compreender a ação e a interação.

A teoria da ação deve capturar a complexidade da ação - que nem sempre se explica de acordo com meios e objetivos...

**Um objetivo pode ser:** único, múltiplo; com consenso ou dissenso; velho, novo; claro, difuso; específico, geral; mutável, imutável.

**Os meios podem ser:** claros, menos claros; poucos, muitos; familiares, pouco familiares; específicos, gerais; facilmente atingíveis ou não; baratos ou caros; fáceis de avaliar, difíceis de avaliar; com consequências conhecidas ou desconhecidas; decididos por consenso ou dissenso.

## 11. (cont.)

Alguns cursos de ação são altamente incertos (revolução) e outros são rígidos ou ritualísticos (funeral).

Alguns cursos de ação começam sem objetivo (tirar uma licenciatura).

Por vezes, objetivos ou meios são alterados durante o curso da ação.

Num coletivo, os objetivos e meios podem ter de ser negociados.

Os meios podem tornar-se um fim em si mesmo.

Por fim, há comportamentos “brincalhões”, emocionais, sem objetivos à vista...

## 12. Os cursos de ação são afectados por contingências e emergências.

Fatores externos podem afetar a ação - “perdi o meu emprego por causa da recessão económica...”. Antecipar e planear de forma a lidar com contingências faz parte da ação.

Existem também contingências internas - as consequências de uma ação tornam-se condições da ação seguinte...

### **13. As interações podem ser acompanhadas por avaliações e projeções do futuro.**

A reflexividade pode tornar-se uma contingência. Existe “julgamento”, em diferentes graus, em toda a nossa ação - ao nível individual e ao nível coletivo. Adaptamos a nossa ação e a dos outros conforme a avaliamos. Também “sonhamos acordados” - tentamos prever cenários ou recriar situações passadas. Estes processos subjetivos fazem parte das interações sociais.

## **14. As ações estão integradas em interações e em interseções de interações.**

Por exemplo, a ciência: uma ação coletiva a partir de muitas perspectivas diferentes, tendencialmente niveladas. Cada ação pertence a uma interseção - existe debate, negociação, articulação, triangulação, persuasão, etc. As interseções podem ser interpretadas de forma diferente; vão sendo avaliadas; e exigem ações específicas de “alinhamento”.

**15. Uma ação colectiva precisa de “alinhamento” e “articulação”.** Embora todas as ações possam ser pensadas de forma independente, um conjunto de ações pode ser uma “joint action” (concertada): diferentes atores alinham as suas ações, planeiam, pensam uma sequência... O processo de alinhamento requer interação.

**16. Os actores pertencem a um ou mais mundos sociais que condicionam as suas perspectivas.**

As realidades dos nossos mundos sociais moldam-nos e exigem-nos um certo compromisso. Quando pertencemos a diferentes mundos sociais, as nossas perspectivas podem ser complexas. Essas “filiações” condicionam a nossa ação de forma que nem sempre é visível para os outros.

**17. A existência de condições nas nossas ações pode ser pensada através de um 'conditional matrix' - e a relevância das condições pode ser pensada através de um 'conditional path'.**

Identificar condições contribui para fazer dialogar o macro e o micro, os valores e as atitudes, estrutura e processo. Ambas as forças - tanto construtivas, como condicionais/impostas - estão em jogo.

**18. Podemos distinguir entre interações rotineiras e problemáticas.** Enquanto que as rotinas estão sob a influência de regras, convenções, e requerem menos reflexividade, outras oferecem situações problemáticas: exigem discussão ou debate. Por vezes, a discussão pretende “repor” a normalidade ou rotina. Estas situações levam a arenas (posicionamentos dos atores). Podemos procurar entender a formação de arenas e o seu papel na ordem social.

## **19. Interações problemáticas levam por vezes a mudanças na identidade.**

O luto, a doença... são situações “problemáticas” que envolvem a perda/destruição de partes da nossa identidade. O processo (terapêutico) pode levar a uma “reconstrução” da identidade.

A ENTREVISTA

## **A Entrevista**

É um método de recolha de dados onde o/a investigador/a, a partir de um conjunto de perguntas dirigidas a um/a participante, pretende aceder à sua percepção e experiência acerca de um dado tópico.

Pode ser realizada de forma presencial, telefónica ou por vídeoconferência (o formato presencial produz mais dados qualitativos, observações quanto à localização, aos gestos...).

## A Entrevista

Depende de um **consentimento explícito** por parte do/a participante.

A entrevista pode ser **estruturada**, **semi-estruturada** ou **pouco estruturada** (*in-depth interview*). Implica desejavelmente a preparação prévia de um guião.

A entrevista deve ser gravada, de forma a permitir transcrição posterior e de forma a permitir a total atenção do/a investigador (sem tirar notas).

## O Guião de Entrevista

No caso de uma **entrevista pouco estruturada**, o guião poderá oferecer direções mínimas ou perguntas abrangentes (é no curso da entrevista que perguntas mais específicas poderão surgir...).

Na **entrevista estruturada**, o guião aproxima-se de um “questionário”, com questões específicas e detalhadas.

Na **entrevista semi-estruturada**, existe um guião relativamente detalhado mas o/a investigador/a goza de alguma liberdade ao longo da entrevista, alterando a ordem das perguntas, permitindo o surgimento de novas questões...

## O Guião de Entrevista

No caso de uma **entrevista pouco estruturada**, o guião poderá oferecer direções mínimas ou perguntas abrangentes (é no curso da entrevista que perguntas mais específicas poderão surgir...).

Na **entrevista estruturada**, o guião aproxima-se de um “questionário”, com questões específicas e detalhadas.

Na **entrevista semi-estruturada**, existe um guião relativamente detalhado mas o/a investigador/a goza de alguma liberdade ao longo da entrevista, alterando a ordem das perguntas, permitindo o surgimento de novas questões...

## **Preparação da entrevista**

No decurso dos contactos necessários à marcação da entrevista, e no próprio momento da entrevista, o/a investigador/a deve partilhar informação acerca do contexto e objetivos da investigação.

Pode fazer sentido utilizar um documento de consentimento informado, e discutir questões ligadas ao anonimato e confidencialidade, à utilização dos dados, etc.

Pode acordar-se a validação posterior do/a entrevistado/a quanto aos dados que irão integrar a investigação (processo colaborativo).

## **Realizar a entrevista**

É importante que se tenha um ambiente silencioso e favorável à gravação, assim como gerador de conforto para o decurso da conversa.

Pode acontecer que a gravação iniba o/a entrevistado/a. Algumas estratégias podem ser utilizadas, como a pausa da gravação para permitir conversas “off-record”.

## **Transcrição da entrevista**

É a transcrição da gravação que irá constituir os “dados” do/a investigador/a. A transcrição é um processo moroso, muito dependente de factores como a oralidade da pessoa entrevistada, a qualidade da gravação... Requer regularmente alguma edição de forma a transformar o discurso oral em discurso escrito.

A utilização de um pedal de controlo do áudio no momento da transcrição facilita enormemente a tarefa.

## **Transcrição da entrevista (cont.)**

A transcrição deve incluir o máximo de metadados possível (registar pausas, reações, hesitações, risos...).

A transcrição pode levantar dúvidas que podem posteriormente ser esclarecidas com o/a entrevistado/a.

A transcrição da entrevista poderá ser incluída como anexo de uma publicação futura.

A transcrição feita por terceiros pode levantar problemas se o assunto exigir alguma familiaridade com certos conceitos.

## **Uso dos dados da entrevista**

Ao redigir o texto final, o/a investigador deverá procurar um equilíbrio entre as citações directas e o texto interpretativo. As citações corroboram a interpretação do/a investigador/a mas devem ser usadas com alguma contenção.

## **Grupos focais**

Sessão estruturada onde diferentes atores partilham as suas perspectivas acerca de um tema. O grupo deve ser reduzido e deve estar minimamente “alinhado” (confortável em expressar as suas opiniões). Normalmente tem como objetivo recolher dados acerca de um tema específico, recolhendo menos informação acerca de cada participante e mais informação acerca do assunto debatido. No caso do grupo focal, o grupo influencia as respostas de cada participante.

## Quem entrevistamos?

- Participantes no fenómeno; especialistas no fenómeno; outros/as que interagem com o fenómeno...
- É útil delinear um plano com os perfis que desejamos entrevistar e, ao mesmo tempo, adaptar esse plano ao longo da investigação.

## **Algumas reflexões a partir da experiência**

- 1h de entrevista demora cerca de 3h a transcrever.
- Pode ser útil acompanhar a transcrição de comentários, highlights, etiquetas... - o conteúdo da entrevista contribui para adaptar o curso da pesquisa.
- Importante registar a data da entrevista para uso posterior.
- Ainda que se procure aprofundar um assunto específico, é útil começar por conhecer o percurso do/a entrevistado/a.
- Se usamos o método 'snowball', o final da entrevista é um bom momento para falar sobre possíveis contactos e direções. Alguns entrevistados podem tornar-se 'informantes' privilegiados.